

Uma gota

Uma gota d'água sobe os degraus da escada. Você está ouvindo? Estirado na cama, em meio à escuridão, ouço seu estranho percurso. Como ela faz? Saltita? Tec, tec, ouve-se intermitentemente. Em seguida, a gota detém-se e, talvez, pelo resto da noite, não dê mais sinal de vida. Mas ela sobe. De degrau em degrau, ela vem escada acima, diferentemente das outras gotas que, em cumprimento à lei da gravidade, caem verticalmente e, por fim, produzem um pequeno estalido, bastante conhecido no mundo todo. Esta, não: devagar, bem devagar, ela ascende pela escadaria até chegar ao patamar letra E do enorme, interminável edifício.

Não fomos nós, adultos, refinados, excepcionalmente sensíveis, quem a percebeu, mas sim, uma simples empregada do primeiro andar, esquelética pequenina ignorante criatura. Deu pela gota à noite, altas horas, quando todos já haviam se recolhido. Mas não conseguiu se segurar por muito tempo, pulou da cama e correu para acordar a patroa. "Senhora", sussurrou. "Senhora!" "O que houve?", perguntou a patroa atônita. "O que está acontecendo?" "Tem uma gota, senhora, uma gota que está subindo pelas escadas!" "O quê?" perguntou a outra a sobressalto. "Uma gota que está subindo os degraus!", repetiu a empregada já quase aos prantos. "Que besteira" vociferou a patroa. "Você ficou louca? Vá, vá, vá! Volte para a cama! Você bebeu, é esse o problema, sua sem-vergonha. É por isso que, de um tempo para cá, a garrafa de vinho tem aparecido vazia pela manhã! Sua imunda! Se você pensa que..." Mas a essa altura, a pobre moça já se refugiara debaixo das cobertas.

"Vai saber o que se passou pela cabeça daquela idiota", pensava então a patroa em silêncio, depois de ter já perdido o sono. E, involuntariamente com os ouvidos na noite que dominava o mundo, também ela escutou o curioso ruído. Uma gota que subia pelas escadas, com toda a certeza.

Zelando pela tranquilidade, por um instante a senhora pensou em ir lá fora certificar-se. Mas o que poderia ter constatado à miserável luz das lâmpadas turvas sobre o corrimão? Como ir ao encalço de uma gota em plena noite, com aquele frio, ao longo dos lances tenebrosos da escadaria?

Nos dias que se seguiram, de família em família, o boato espalhou-se lentamente e agora, ainda que, em cada casa, todos tenham tomado conhecimento do fato, preferem não tecer comentários, como se fosse algo tolo de que talvez tenham vergonha. Agora muitos ouvidos estão alerta, na escuridão, quando a noite já fechada vem oprimir o gênero humano. E cada um pensa uma coisa diferente.

Em determinadas noites, a gota silencia. Em outras, porém, por longas horas ela ininterruptamente desloca-se para cima como se não fosse mais parar. Aceleram os corações no momento em que o suave passo parece tocar a soleira. Dos males o menor; não parou. Vejo que se distancia, tec, tec, dirigindo-se ao andar de cima.

Tenho certeza de que os inquilinos da sobreloja pensam estar já seguros. A gota - acreditam - já passou em frente à porta, não os incomodará mais; outros, como eu que estou no sexto andar, têm agora motivos para se preocupar, não mais aqueles. Mas quem lhes garante que nas próximas noites a gota não retomará seu caminho do ponto em que parou ou até mesmo não recomeçará do zero, iniciando a viagem dos primeiros degraus, úmidos sempre e obscuros de renegada imundície? Não, nem mesmo eles podem sentir-se seguros.

Pela manhã, saindo de casa, olham atentamente a escada para verificar a existência de algum vestígio. Nada, como esperado. Nem a menor pista. Pela manhã, porém, quem ainda leva a sério esta história? Ao sol da manhã o homem é forte, é um leão, mesmo que poucas horas antes se sentisse intimidado.

Ou será que os moradores da sobreloja têm razão? Nós, da outra parte do edifício, que antes não escutávamos nada e nos mantínhamos isentos, há algumas noites também temos ouvido algo. A gota está ainda distante, é verdade. A nós chega apenas um levíssimo teque-teque, lastimoso eco que atravessa as paredes. No entanto, é sinal de que ela está subindo e se aproximando cada vez mais.

Nem mesmo dormir num cômodo mais reservado, longe da escadaria, faria diferença. Melhor ouvir o ruído do que passar a noite na incerteza de ela estar lá. Os que vivem nos cômodos mais afastados às vezes não conseguem resistir, avançam furtivos e em silêncio pelos corredores e detém-se na entrada gélida da casa, atrás da porta, respiração suspensa, ouvidos alerta. Se a ouvem, não mais ousam distanciar-se, escravos de medos indecifráveis. Tanto pior, porém, quando tudo se acalma: nesse caso, como garantir que, logo após se recolherem, o ruído não comece de novo?

Que estranha vida, pois. E não poder protestar, nem tentar soluções, nem encontrar uma explicação para acalmar os ânimos. E nem mesmo ser capaz de persuadir os outros, das outras casas, os quais não sabem. Mas o que seria essa gota, então? — perguntam com exasperadora boa-fé. — Um rato, talvez? Um sapinho saído das tabernas? — Não, de forma alguma.

Bem, então — insistem — seria, por acaso, uma alegoria? Haveria a intenção, por assim dizer, de simbolizar a morte? Ou algum perigo? Ou os anos que passam? — Nada mesmo, senhores: é simplesmente uma gota; a única diferença é que ela vem escada acima.

Ou pretende-se, de forma mais sutil, representar os sonhos e as quimeras? As terras distantes, com as quais sonhamos, onde imaginamos encontrar a felicidade? Algo poético, enfim? Não, absolutamente.

Ou os lugares ainda mais distantes, nos confins do mundo, aos quais nunca chegaremos? Mas, não, eu lhes digo, não é brincadeira, não há duplos sentidos; trata-se simplesmente, ai de mim, até o que se sabe, de uma gota d'água, que à noite vem escada acima. Tec, tec, misteriosamente, de degrau em degrau. E é por isso que se tem medo.

Dino Buzzati (1906-1972)
Tradução: Ricardo Vagnotti